

A Solidão na Poesia de Rui Pires Cabral

Charles Marlon Sousa

Universidade de São Paulo

Resumo: Rui Pires Cabral, em sua poesia, que se apresenta como lugar de resistência, busca subverter a lógica espacial que regula o mundo contemporâneo; não desprezando a espacialidade e as determinações deste mesmo mundo, pois, como também não se apresenta como um messias redentor, está igualmente submetido às mesmas limitações impostas por este espaço pós-moderno; entretanto, traz à tona as temporalidades cada vez mais apagadas, passado e futuro, ainda que o passado revele uma experiência de perda, em muitos de seus poemas irredimível, e que o futuro não prometa mudanças positivas, ou pareça prometer o oposto.

Palavras-chave: poesia, resistência, pós-modernidade, solidão, grandes centros urbanos

Abstract: Rui Pires Cabral in his poetry, in which we find place for resistance, tries to subvert the spatial logic that regulates the worldwide relations; the poet does not despise the determinations of his own time, since he does not present himself as a savior prophet, he is equally imbibed in the limitations created and imposed by the contemporary (or post-modern) world; however, he deals with the different temporalities, so effaced; past and future are called back to life/ the poem, in terms of memory or perspectives, even though, past may reveal an experience of irrecoverable loss and future may not offer nothing such as hope.

Keywords: poetry, resistance, postmodernity, loneliness, large urban centers

Digam o que disserem,

O mal do século é a solidão (...).

Renato Russo, *Esperando por mim*

Vivemos, agimos e reagimos uns com os outros; mas sempre, e sob quaisquer circunstâncias, existimos a sós. Os mártires penetram na arena de mãos dadas; mas são crucificados sozinhos. Abraçados, os amantes buscam desesperadamente fundir seus êxtases isolados em uma única autotranscendência; de balde. Por sua própria natureza, cada espírito, em sua prisão corpórea, está condenado a sofrer e gozar em solidão. Sensações, sentimentos, concepções, fantasias – tudo isso são coisas privadas e, a não ser por meio de símbolos, e indiretamente, não podem ser transmitidas. Podemos acumular informações sobre experiências, mas nunca as próprias experiências. Da família à nação, cada grupo humano é uma sociedade de universos insulares.

Aldous Huxley, *As portas da percepção*

1. Um tempo sem qualidades

Os grandes centros urbanos capitalistas, as grandes metrópoles de todo o mundo, têm características cada vez mais parecidas; são lugares onde o lucro e o capital regulam não apenas as relações econômicas, mas também acabam por “contaminar” as relações sociais dos indivíduos para com os outros e a própria constituição desses mesmos indivíduos enquanto parte integrante de sua cultura. A produção seriada e a standardização dos espaços criam lugares, por mais distantes que sejam uns dos outros, muito semelhantes, podemos comer o mesmo lanche no mesmo *fast-food* no centro de São Paulo, no Porto em Portugal, onde inclusive o Café Imperial foi transformado em *Mcdonalds*,¹ ou mesmo na China. Porém, não é apenas a distância e diferença entre os espaços que parecem diminuir,

também “as diferenças entre as pessoas e o estado das coisas [atenuam-se] cada vez mais” (Guattari 1996: 293).

Sharon Zukin (1996) em seu artigo sobre paisagens urbanas pós-modernas conclui dizendo:

A pós-modernidade oferece uma chance de se escolher uma identidade a partir da imagem eletrônica das comunicações de massa, da imagem manufaturada do consumo doméstico, e da imagem projetada da arquitetura vernacular. Nestas imagens, nós consumimos o que imaginamos e imaginamos o que consumimos (...) a identidade sócio-espacial deriva simplesmente daquilo que consumimos. (Zukin 1996: 218)

Portanto, tendemos cada vez mais a uma estandardização inclusive de nossos gostos pessoais e de nosso imaginário, somos vistos e moldados como consumidores em potencial, a paisagem pós-moderna ou, antes, o mundo capitalista pós-moderno, nos termos de Sharon Zukin, e globalizado tende a uma padronização dos seres humanos, tende a, paradoxalmente, diminuir a distância entre as pessoas e simultaneamente abrir um abismo entre elas, criando dificuldades cada vez maiores para o convívio em sociedade, o que propicia, desta forma, um crescente e cada vez mais constante sentimento de solidão e isolamento.

E em meio a todas estas questões, existe um poeta português, por nome Rui Pires Cabral, que dentro de sua poética “viajeira”, como a denomina Dal Farra (2007), criou muitos poemas que se relacionam com este mundo seriado e que problematizam o modo como nos portamos e como interagimos com os outros indivíduos que nos rodeiam.

O sujeito da enunciação da poesia de Rui Pires Cabral aparece “colado” à própria figura do poeta, devido ao forte traço biográfico de seus versos (lembrando sempre que não há necessidade de confirmarmos a veracidade ou não desta biografia); soma-se a isso o fato de haver uma constante busca por um diálogo com o leitor, uma busca por uma convivência, mínima que seja, ainda que esta convivência ocorra de maneira tensa ou mesmo apenas como possibilidade.

Este ensaio pretende justamente observar o elemento da solidão tão bem observado e vivenciado pelo sujeito da enunciação poética, bem como relacionar a poética de Rui Pires

Cabral com a atual poesia portuguesa e, conseqüentemente, com o contexto social e histórico em que estão inseridos.

2. O tempo dos poetas

(...) Haverá quem nos diga, no fim
de tudo: eu conheço-te e senti a tua falta?
Não sabemos. Mas escrevemos, ainda
assim. Regressamos a essa solidão
com que esperamos merecer, imagine-se,
a companhia de outra solidão. Escrevemos,
regressamos. Não há outro caminho.

Rui Pires Cabral, *Longe da aldeia*

O que fazer quando há a necessidade de algo e o que se nos oferece é o completo oposto daquilo que se busca? A resposta a esta pergunta, se houver, e caso não haja, a falta dela é o que podemos observar em muitos dos versos do poeta português Rui Pires Cabral. O que se há de fazer quando buscamos, por exemplo, companhia em um mundo no qual cada vez mais a solidão, solitária, de fato, ou em grupo, parece vir se tornando a regra quase que inescapável do convívio entre os indivíduos? Aceitamos, pois de fato “as coisas são assim mesmo”, fugimos deste problema posto, buscando planos mais elevados, como a dita “alta cultura”, por exemplo, ou tentamos (con)viver com esta tensão? O poeta em questão parece preferir a segunda opção, e é justamente sobre esta relação, entre o eu que fala nos versos e a solidão, que buscaremos vislumbrar um pequeno entendimento nas páginas que se seguem.

Entretanto, antes de nos debruçarmos sobre a obra em si, será de grande auxílio uma breve tentativa de situar o poeta dentro da atual poesia portuguesa, buscando entender sua posição e seu posicionamento perante o fazer poético e perante o próprio mundo em que vive, e em certa medida nós também vivemos, a saber, o mundo dos grandes centros urbanos e do predomínio do capital financeiro.

Manuel de Freitas, poeta português, em prefácio à antologia *Poetas Sem Qualidades* (2002) polemiza ao contrastar os “poetas sem qualidades”, com os “poetas cheios de

qualidades” ou “puetas”, como este pejorativamente os denomina. Freitas propõe que poetas com qualidades são aqueles que buscam na literatura aquilo que a vida não teria, ou ainda, um refúgio de um mundo que se apresenta através de uma realidade sem qualidades; Freitas afirma ainda que esta é a forma em que a poesia portuguesa contemporânea se apresenta hegemonicamente, uma poesia que se quer autossuficiente e mais elevada que a vida circundante e cotidiana, segundo o mesmo crítico e poeta. Na contraluz desta poesia, Freitas situa, então, os poetas que seriam sem qualidades. Não que, com isso, sejam eles maus poetas; ao contrário, são estes apenas poetas que buscam no real suas poesias, que buscam levantar dos escombros do real cotidiano, e por vezes banal, uma pequena construção que seja, poetas que, como Rui Pires Cabral, por exemplo, em “Conserve este bilhete até ao final da viagem”, parecem afirmar: “Devo dizer que sempre preferi os versos feridos pela prosa da vida” (Cabral 2006: 23).

Na coletânea “Poetas sem qualidades”, Pires Cabral nos é apresentado como sendo um desses poetas que não possui qualidades, um dos poetas que “não são muita coisa”, que parecem ser minoria, em suma, o “resto”, segundo Freitas; porém são estes mesmos que têm a predileção do prefaciador. Ao menos é em direção a estes poetas que Freitas acena com maior simpatia.

Polêmica aparte, os “sem qualidades” tratam de poesia observando uma de suas especificidades mais importantes, “poesia é uma realidade histórica, queiramos ou não” (Freitas 2002: s/p), ou seja, está situada e é produzida dentro de determinado grupo de determinada sociedade em espaço e tempo também determinados, o que influencia inclusive a produção artística; e como afirma Freitas “para um tempo sem qualidades, poetas sem qualidades”.

Neste ponto, podemos questionar o posicionamento desses poetas sem qualidades. Seriam eles então fatalistas e reprodutores da ordem estabelecida, poetas que aceitariam a falta de qualidades do mundo? É uma possibilidade, mas cabe observarmos esta interrogação com menor distância. Vejamos.

Não há garantias, às vezes nem mesmo esperança, de que as artes – quem dirá a poesia tão menos apreciada, em número de leitores, que o romance, por exemplo – possam provocar uma grande, real e duradoura mudança social, porém, em termos de reflexão

sobre as contradições e angústias de nosso tempo, o ganho parece também substancial quando lemos um poeta “sem qualidades”, pois estes buscam no mundo suas contradições, buscam captar tensões indissolúveis causadas por essas mesmas contradições, não procuram saídas ou soluções; e se procuram, já parecem saber que não as encontrarão, e se encontram já sabem serem provisórias e parciais. Portanto, pode-se perceber que estas não qualidades, não indicam a falta das mesmas, mas um outro tipo de qualidade, não menos importante.

Conserve este bilhete até ao final da viagem

Devo dizer que sempre preferi
os versos feridos pela prosa
da vida, os versos turvos
que tornam mais transparentes
os negros palcos do tempo, a dor
de sermos filhos das estações
e de andarmos por aí, hora após
hora, entre tudo o que declina
e piora. Em suma, os versos
que gritam: *Temos as noites*
contadas. E também
os que replicam:
Valha-nos isso. (Cabral 2006: 23)

Este poema é um ótimo exemplo para ilustrar como em Rui Pires Cabral, bem como nos outros “sem qualidades”, as tensões não são resolvidas, mas é justamente da tensão que surge o poema, e não da tentativa de solucioná-la. Na poesia de Rui Pires Cabral, mais especificamente, uma das tensões, muito marcada e forte, é justamente a que serve de tema para este ensaio, a solidão. “Não há outro caminho” diz o poeta, escrevemos, regressamos, para que possamos novamente escrever e tornar a regressar. A solidão do leitor encontra a solidão do poeta no momento da escrita, e este encontro (não) se dá pela ausência de um ou de outro nas duas pontas do poema, em sua gênese e em sua leitura, este é um encontro só virtual; e ao passo que gera um encontro, é ainda assim solidão, a

tensão se mantém, não se resolve; mas é geradora todavia, cria-se um poema, e um encontro, ainda que impossível, e impossibilitado pelo enorme abismo que se esconde por detrás da finura da folha em que está impresso o poema.

Entremos então na obra deste poeta “sem qualidades” e vejamos a maneira com que este sujeito (?) poético, num tempo em que ser sujeito é quase uma impossibilidade, se comporta e lida com a solidão que parece se impor na vida dos indivíduos nas grandes metrópoles, nas *Capitais da Solidão*.²

3. A solidão em Rui Pires Cabral

O crítico cultural Fredric Jameson, em *The cultural Logic of Late Capitalism*, aponta três aspectos fundamentais de nosso tempo, dito pós-moderno, tempo do mundo globalizado, a saber: uma nova falta de profundidade (*a new depthlessness*), onde tudo tende a perder sua profundidade ou sentido profundo, sejam os produtos ou as próprias pessoas que praticamente são igualadas àqueles; um enfraquecimento da historicidade (*weakening of historicity*), o que não significa o fim da História, mas uma crescente dificuldade de ligar os simples fatos do cotidiano com o movimento maior da História; e o esmaecimento dos afetos (*waining of affects*), o que propicia o surgimento e a potencialização do sentimento de solidão, pois *conviver* tornou-se algo muito difícil que beira o impraticável.

O poema “Não há serviço de mesas”, de *Capitais da Solidão* (2006), é de uma profundidade e concisão tamanhas que em poucos versos o poeta consegue sintetizar todos os problemas tratados nos textos teóricos citados e que foram trazidos ou intensificados pela globalização, o que chama muito a atenção, pois não parece ser um poema panfletário ou sistematizador de teoria. O fato da (co)incidência dos temas revela a preocupação comum de críticos, sociólogos, estudiosos de vários campos do saber e artistas, que possuem pontos de vistas convergentes em relação aos assuntos da mundo contemporâneo e já que não podemos resolvê-los de imediato, cabe-nos, por enquanto, mapeá-los³; a solidão das grandes metrópoles é um desses assuntos.

convivência de determinados modelos de ser no mundo, e por consequência, de exclusão dos outros vários; ao mesmo tempo podemos interpretar, de maneira similar ao que foi proposto antes, mas com uma nuance um pouco mais incisiva, que tanto faz as pessoas serem as mesmas de sempre ou não, pois afinal, as pessoas que frequentam aquele lugar tornaram-se cada vez mais similares, sendo, então, quase impossível de se fazer a distinção entre elas, e ao mesmo tempo estas mesmas pessoas se tornam a imagem e semelhança dos produtos que consomem, e, portanto, tão superficiais quanto os próprios.

Quando Jameson fala sobre o enfraquecimento da história, e nega fortemente a teoria de que a História esteja morta e sepultada, pode nos soar algo um tanto quanto abstrato e de difícil compreensão, mas nos versos “Esta tarde traduzo as minudências do caso grego/ com muitas notas de rodapé.” fica muito evidente esta nova dificuldade que se tem de ligarmos o que ocorre no nosso “jardim” com o movimento mais amplo da história; “o caso grego” pode parecer um caso isolado, mas está longe de o ser, e a dificuldade de ligação entre o fato e a história é sugerida por meio das “muitas notas de rodapé” que o poeta se vê obrigado a por em sua tradução.

Mas afinal, o que tudo isto tem a ver com a solidão?

Esta sociedade global, que se erige ao nosso redor, leva ao enfraquecimento das relações humanas, o que Jameson chama “esmaecimento dos afetos” e Bauman de “a fragilidade dos laços humanos”. As pessoas têm cada vez mais dificuldade de conviver, pois estão todas em trânsito constante e em aparente *desencontro*; além disto, em uma sociedade na qual todos, em maior ou menor grau, somos moldados como consumidores em potencial, torna-se cada vez mais difícil manter uma proximidade que não seja atritante, afinal, na lógica do consumidor o que importa é “eu primeiro, e o outro... quem é o outro?”, como podemos observar em situações tais como liquidações anuais de lojas famosas⁴.

O próprio poeta não consegue se libertar deste mundo esterilizante e asséptico. O poeta faz parte deste mesmo mundo e não pode de modo algum escapar totalmente de sua realidade histórica, no poema [Passagem de Peões] isto fica muito evidente:

[Passagem de Peões]

À vinda do supermercado

diz-me o pequeno monstro
que às vezes me faz companhia
“E qual é a tua razão de ser?”

Na rua, a tarde rola devagar
entre prédios murchos – e ele
acrescenta: “Não me digas
que são os versos.”

E ri-se. (Cabral 2006: 32)

Temos, então, o poeta voltando do supermercado, pois como as pessoas comuns este poeta necessita fazer compras, participando inclusive economicamente de sua sociedade, mas o mais interessante neste poema é a imagem que se desenha no próprio título. “[Passagem de Peões]” é a faixa de pedestres, e como está entre colchetes, podemos rapidamente visualizar a imagem que se forma, [|||||||], remetendo, desta maneira, ao próprio código de barras dos produtos; e é como que se isto nos mostrasse como o poeta não consegue abandonar a lógica de seu mundo, pois ele próprio caminha sobre um mundo que tende a tornar-se cada vez mais um “reino de mercadorias”, no qual inclusive a própria poesia é algo incômodo e pouco valorado economicamente, “ ‘Não me digas / que são os versos.’ // E ri-se.”. Retornando ao poema “Não há serviço de mesas”, tanto trabalho entorpece o sujeito poético e ele se esquece de cumprimentar um vizinho, revelando, novamente, que ele também não é capaz de subverter a lógica deste mundo. Esquece-se do próprio vizinho que vive tão perto de si e, como propõe Bauman, “o desafio, a atração e a sedução do Outro tornam toda distância, ainda que reduzida e minúscula, insuportavelmente grande” (Bauman 2004: 22). A distância entre vizinhos é recorrente em alguns dos poemas de Rui Pires, notemos “All the best deals”:

[...] o temporal
da noite passada derrubou a cerca comum
do quintal – e os vizinhos, agora visíveis,
estão sentados de costas para a janela,
em roupão [...] (Cabral 2005: 25)

Podemos notar desde o título a influência das relações econômicas em todas as outras relações de uma sociedade, inclusive nas afetivas e interpessoais, podemos traduzir o título como “todas as melhores coisas (possibilidades)”, como um desejo bom para alguém, mas podemos entender também como “todos os melhores negócios”, onde o econômico entra de maneira brutal; notemos ainda que, embora a barreira física tenha caído, “a cerca comum” derrubada pela chuva, esta barreira parece já estar de tal modo entranhada que passou a ser uma barreira que existe dentro de nós mesmos. Em maior ou menor grau, somos todos em determinadas situações “vizinhos sentados de costas para a janela”.

A solidão costuma recortar todo o trajeto descrito em muitos dos poemas de Rui Pires Cabral. A única companhia (presente) do poeta, do início ao fim, são as palavras e o seu próprio isolamento e por vezes o leitor; em geral todas as companhias se dão ou no passado ou como possibilidade no futuro; quando a companhia se dá no tempo presente, esta nunca é um conforto. O amor, no mais das vezes uma saída para o caos que se impõe no mundo, em Rui Pires não serve como solução, pois como propõe o poema “We are flint and steel to each other.”, nos tempos do *Amor líquido* (Bauman 2004),

[...] Dão-nos
um amor volúvel que lisonjeia
os sentidos, mas não podem
consolar-nos da penúria
de existirmos, tu e eu, cada um
na sua pele, no seu áspero

lugar. [...] (Cabral 2009: 12)

Desta maneira, estaria então, de fato, tudo perdido, perdida a chance de uma mudança, de uma resistência? O poeta estaria, então, apenas nos afirmando que nada há a fazer e que as coisas são de fato assim e ponto pacífico? Voltando ao poema “Não há serviço de mesas”, temos um detalhe muito especial que nos permite crer que não, mas antes, algumas palavras de Jameson nos serão, novamente, de grande valor. O estudioso norte-

americano afirma em uma de suas palestras que atualmente a espacialidade tomou a primazia de importância se a compararmos com o tempo, e que o tempo por sua vez é reduzido ao presente, ao presente do corpo físico, levando a um desaparecimento do senso gradual do passado e do futuro, ou seja, seríamos nós seres que não rememoraríamos o passado e que não planejaríamos o futuro, e se bem observarmos isto de fato parece ser o que tenta se impor a cada dia a cada um de nós, pois aparentemente, ou não, estamos o tempo todo “Por volta das 6, entorpecido[s]”, com muita coisa a ser feita e com pouco prazo para a realização de cada uma delas.

Se observarmos a segunda estrofe do poema, anteriormente, propositalmente, elidida, podemos vislumbrar onde o poeta busca refúgio e como sua poesia e sua vida, na medida em que vida e poesia se confundem e se completam, ainda que de maneira frágil, tentam resistir à standardização e à lógica (im)pura do mercado.

A rua, uma imagem mental, não me confunde
nem perturba. Mas dou por mim a pensar (é
estranho) naquele riacho que descobrimos à ida
para Lordelo, perto do hospital novo. Não sei
o que me prende agora aos domingos dos nossos
20 anos, mas a memória é uma rede de túneis
cheia de portas súbitas e imprevistos alçapões. (Cabral 2006: 24)

Neste momento, o mundo torna-se mera “imagem mental”, e quem passa a imperar não é mais o mundo e sua (i)lógica, mas a interioridade deste poeta, também angustiado pela sua pertença nesse mundo, ou mais especificamente, a memória deste “eu” que caminha sozinho e atordoado. São as suas rememorações que criam, ainda que fragilmente, uma resistência, não um ponto de fuga, a este mundo, pois afinal, o próprio fato de relembrar já subverte a lógica de presente *ad infinitum* observada por Jameson em “The Cultural Logic of Late Capitalism”, como a temporalidade dominante em nosso tempo. E a memória é estruturada de modo caótico e inapreensível, “a memória é uma rede de túneis/cheia de porta súbitas e imprevistos alçapões”; portanto, se por um lado o sujeito poético não consegue controlar a sua própria memória, por outro a lógica desse mundo que o

“entorpece” parece também não a poder regular, perdendo-se ao entrar no labirinto subjetivo desse eu, caso o faça.

Não obstante a súbita aparição do passado em forma de lembrança, o poema termina com os seguintes versos:

(...) Volto para casa
com o bolso cheio de trocos, abro a porta
da varanda e reparo que deixei morrer
a violeta que me deste. (Cabral 2006: 24)

Não apenas o passado irrompe no poema, importante notar que sem nenhum sentimento de coincidência com o que passou, como o futuro, de certo modo, também o faz. O poeta encontra algo que lhe foi presenteado por alguém que esteve junto dele, e que, ao menos neste momento, não está mais; esta violeta, embora morta, é prova concreta de que o futuro existe, ainda que decrépito. Portanto, assim como não há um saudosismo do passado, tão pouco há esperança de um mundo futuro redentor; o que existe é a afirmação de um passado e a certeza de um futuro, seja lá como e qual for.

4. “Valha-nos isto”

A convivência do sujeito da enunciação de Rui Pires Cabral com a solidão e com as pessoas que o cercam é quase sempre uma experiência tensa, uma experiência de falta no caso daquela e uma outra de atrito no caso desta. Este sujeito sente-se só e incapaz de preencher a solidão do outro, conforme podemos notar no poema “O destino”: “mas perdoa, se puderes, o pouco/ que soube fazer pela solidão dos dois” (Cabral 2005: 43).

Há atualmente, não apenas na poesia de Rui Pires Cabral, mas também nas obras de autores contemporâneos este sentimento de solidão e da dificuldade, ou mesmo da impossibilidade, de transpô-lo; o tema, que não é novo na literatura, como podemos notar, já está presente em Huxley (“Por sua própria natureza, cada espírito, em sua prisão corpórea, está condenado a sofrer e gozar em solidão”), e que se recuarmos ainda mais

também o encontraremos em autores anteriores, está longe de ser assunto ultrapassado, aliás, ao contrário, torna-se cada vez mais atual e tenso; Benjamin Kunkel em seu romance *Indecision* (2009) tem um parágrafo que é belíssimo ao expor e propor esta dificuldade e impossibilidade, afirmando que somos seres insulares e solitários quase que de maneira irredimível:

Today was Sunday, formerly the main family-togetherness Day, and all four of us were apart from each other and probably from all other non-Wilmerding humans too. What solitary people my family were! It amazed me that two of its members had ever gotten together to produce the others. But then solitary people pretending not to be – that must be how many families start up, and how the race of the lonely has grown so numerous. (Kunkel 2009: 54)

Em Rui Pires Cabral também parece estar presente esta ideia e este sentimento de uma solidão que é sempre muito presente e da qual não conseguimos nos desligar de todo, por muito tempo; para Pires Cabral somos seres que pertencem a um lugar de impermanência(s). No poema “Hospedarias”, diz o sujeito: “É que de algum modo/ sempre pertencemos às hospedarias” (Cabral 2003: 27); e a vida parece não lhe ensinar outra coisa a respeito das relações humanas a não ser que estamos sós sempre; vale notar, pela beleza dos versos de “O Verão estava a acabar”, como o mundo mostra isso ao sujeito poético:

Por dentro das ruas
quietas, o eco de uma voz
que mal se ouvia:

*estamos todos tão sós
em toda a parte*

e é quase dia. (Cabral 2009: 22)

Isto posto, pode parecer que o poeta então estaria reclamando do mundo e apenas mostrando sua incapacidade de viver sob as regras que regulam o funcionamento e a vida nos grandes centros urbanos, no entanto, não há em Rui Pires Cabral esta força meramente contestatória da realidade, que diria que as coisas como estão não dão mais e não há o que

se faça pois tudo já foi tentado, não há também uma busca por beleza e sentido fora desta mesma realidade, nem muito menos a esperança de que a literatura e as artes cheguem a mudar o mundo tornando-o melhor, pois como afirma Manuel de Freitas no prefácio à antologia *Poetas sem Qualidades*, “O tempo dos poetas”, as vanguardas propuseram isto e como o sabemos hoje não conseguiram mudanças tão radicais e duradouras. O poeta, como propõe Rosa Maria Martelo, procura “[p]or entre ruínas um rasto de beleza que nos possa salvar. Sem optimismo nenhum. E todavia, procura. Se assim não fosse não seria poesia.” (Martelo 2007: 105) Está presente nesta escrita a busca por uma resistência, mínima que seja, à lógica cultural e econômica, de extrema individualização que regula o mundo urbano e globalizado contemporâneo. O poeta não se apresenta como um messias redentor, pois está também ele submetido às mesmas limitações impostas por este espaço pós-moderno. Entretanto, há em sua escrita a tentativa de trazer à tona as temporalidades cada vez mais apagadas, passado e futuro, ainda que o passado revele uma experiência de perda, em muitos de seus poemas irredimível, e que o futuro não prometa mudanças positivas, ou pareça prometer o oposto.

O poeta faz ainda das ausências de sentido ou ausências propriamente que se lhe apresentam em sua vivência no mundo força produtora de sua própria poesia. Se é solidão que se lhe apresenta, é da solidão que se fará surgir um poema, se é a falta de sentido que vê nas pessoas que olham a rua da varanda, é desta falta de sentido que será edificado outro poema. O poeta nos avisa que afinal, para si, “não há outro caminho”, e que é no recolhimento de sua própria solidão, sozinho com suas próprias obsessões, que pode buscar a solidão do outro, do leitor, em busca de um diálogo, nem que seja um diálogo paradoxal entre duas solidões.

Pode-se dizer que ainda, por fim, embora em matéria de poesia nunca haja um fim, e apenas vários pontos de início, que precariamente o poeta e a poesia resistem à lógica “igualizante” do mundo do consumo e das relações superficiais e ásperas, como quem acende um palito de fósforo em um quarto escuro e fustigado pelo vento, e que apenas com a proteção de sua mão, caminha. Rui Pires Cabral e seu sujeito poético comportam-se como “o homem revoltado” proposto por Camus⁵:

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. (...) Qual é o significado deste "não"? Significa, por exemplo, "as coisas já duraram demais", "até aí, sim; a partir daí, não"; "assim já é demais", e, ainda, "há um limite que você não vai ultrapassar". (...) De certa maneira, ele contrapõe à ordem que o oprime uma espécie de direito a não ser oprimido além daquilo que pode admitir. (...) E já a revolta, na verdade, sem pretender tudo resolver, pode pelo menos tudo enfrentar. (Camus 2011: 25 e 349)

E é precisamente isso que se nota nos poemas de Rui Pires Cabral. Não a ânsia de resolver e consertar o mundo, nem a renúncia a este mesmo mundo em nome de um outro ideal; o que parece haver é esta “revolta” que “pode (...) tudo enfrentar” e que sabe tirar das fraturas de sentido do mundo em que o poeta vive e produz sua obra certos aprendizados que possam atribuir ao menos uma mínima espessura à experiência, pois, como nos diz o poema “Hospedarias”, “[s]ão os percalços da nossa aventura que nos fortalecem” (Cabral 2003: 27). E deste modo o poeta poderá, como podemos nós contemporâneos a ele, continuar buscando descobrir “o que poderá compensar-nos dos desgostos da jornada” (*ibidem*). E para quem sabe (“Nunca se sabe.”), ao fim dessa mesma jornada

[...] Com um pouco mais de alento,

De inspiração e trabalho, ainda se endireita

Isto. Ou seja, os versos. E até a vida. (Cabral 2009: 34)

Bibliografia

- Bauman, Zygmunt (2004), *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*, tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro, Zahar.
- Cabral, Rui Pires (2003), *Praças e Quintais*, Lisboa, Averno.
- (2005), *Longe da Aldeia*, Lisboa, Averno.
- (2006), *Capitais da Solidão*, Vila Real, Teatro de Vila Real.
- (2009), *Oráculos de Cabeceira*, Lisboa, Averno.
- Camus, Albert (2011), *O Homem Revoltado*, tradução de Valerie Rumjanek, Rio de Janeiro/São Paulo, Record.
- Dal Farra, Maria Lúcia (2007), “Rui Pires Cabral ou a Poética Andeja”, in: *Poemas de Rui Pires Cabral*, Rio de Janeiro, Oficina Raquel.
- Freitas, Manuel de (2002), “Tempo dos Puetas”, in *Poetas Sem Qualidades*, arquivo de texto enviado por Rui Pires Cabral.
- Guattari, Felix (2006), “A restauração da paisagem urbana”, in *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, nº 24, Rio de Janeiro, Cidadania.
- Huxley, Aldous (2002), *As Portas da Percepção*, Céu e inferno, São Paulo, Globo.
- Jameson, Fredric (1998), “Notes on Globalization as Philosophical Issue”, in *The Cultures of Globalization*, Durham, Duke University Press.
- (1991), “The cultural Logic of Late Capitalism”, in *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham, NC, Duke University Press.
- Martelo, Rosa Maria (2007), “Tensões e deslocamentos na poesia portuguesa depois de 1961”, in *Vidro do mesmo vidro*, Porto, Campo das Letras.
- (2007), “Veladas transparências (O olhar do alegorista)”, in *Vidro do mesmo vidro*, Porto, Campo das Letras.
- (2008), “Alegoria e autenticidade (a propósito de alguma poesia portuguesa recente)”, in *Subjetividades em Devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea*, Rio de Janeiro, 7letras.
- Zukin, Sharon (1996), “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”, in *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, nº 24. Rio de Janeiro Cidadania.

Charles Marlon Sousa é formado em Letras pela Universidade de São Paulo, onde desenvolve uma pesquisa de mestrado sobre a poesia contemporânea portuguesa, na qual estuda a obra de Rui Pires Cabral, com orientação de Monica Muniz de Souza Simas. É autor do livro *Poesia Ltda.*, lançado em 2012 pela Editora Patuá.

NOTAS

¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/McDonald%27s> e <http://outrasescritas.blogspot.com/2009/07/o-cafe-imperial-do-porto.html>

² Rui Pires Cabral. *Capitais da Solidão*. 2005. Averno.

³ Ver Jameson, Fredric (1990): “Cognitive Mapping”. In: Nelson, C./Grossberg, L. [ed]. *Marxism and the Interpretation of Culture* University of Illinois Press (S. 347-60; m. Diskussion)

⁴ Assistir vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=6nLohwTRcps>

⁵ Agradeço a Mayra Moreyra Carvalho por ter me apresentado esta referência que foi de fundamental importância para a conclusão deste ensaio.